

**UMA MULHER NEGRA CHAMADA EMÍLIA COSTA: ENSAIO
ACERCA DO APAGAMENTO HISTÓRICO DA PRIMEIRA DIACONISA
DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO BRASIL**

*A BLACK WOMAN CALLED EMÍLIA COSTA: ESSAY ABOUT THE
HISTORICAL ERASURE OF THE FIRST DEACONESS OF THE ASSEMBLIES
OF GOD IN BRAZIL*

*Eder William dos Santos**

*Alex da Silva Mendes***

Resumo: Este artigo propõe analisar o apagamento histórico de Emília Costa, mulher negra que se tornou a primeira mulher a ser ordenada diaconisa das Assembleias de Deus no Brasil. Assim, o objetivo principal é compreender em que medida o sexismo e o racismo contribuem para a invisibilidade de mulheres em contexto religioso e analisar quais são os impactos fomentados pela dominação masculina nas esferas do poder das instituições eclesiais frente aos ministérios femininos. Nesse sentido, analisaremos os marcadores sociais de gênero e de raça, com seus respectivos atravessamentos interseccionais sobre os ministérios das mulheres, especialmente sobre os ministérios das mulheres negras assembleianas.

Palavras-chave: Gênero. Raça/Etnia. Interseccionalidade. Emília Costa. Assembleias de Deus no Brasil.

Abstract: This article proposes to analyze the historical erasure of Emília Costa, a black woman who became the first woman to be ordained a deaconess of the Assemblies of God in Brazil. Thus, the main objective is to understand the extent to which sexism and racism contribute to the invisibility of women in a religious context and to analyze what are the impacts fostered by male domination in the spheres of power of ecclesiastical institutions vis-à-vis female ministries. In this sense, we will analyze the social markers of gender and race, with their respective intersectional crossings on women's ministries, especially on the ministries of black women in the assembly.

Keywords: Gender. Race/Ethnicity. Intersectionality. Emília Costa. Assemblies of God in Brazil.

Introdução

As Assembleias de Deus no Brasil (ADs) são denominadas como uma igreja evangélica, pentecostal (ALENCAR, 2019; CORREA, 2013; COSTA, 2019; FAJARDO, 2017), que tem as suas origens em Belém do Pará, no ano de 1911, e que ao longo de décadas vem sendo construída historicamente por homens e mulheres. Contudo, nas literaturas consideradas “oficiais”, quem sempre vem sendo apresentado em suas páginas como herói da presente

* Doutorando e Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião e Educação pela Faculdade FABAD de Pindamonhangaba-SP. Membro dos Grupos de Pesquisas: Estudos de Gênero e Religião Mandrágora/NETMAL da UMESP; Estudos de Protestantismo e Pentecostalismo (GEPP) da PUC-SP. E-mail: prederwilliam@gmail.com

** Doutorando e Mestre em Teologia (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP). Licenciado em Letras pela FIP. Especialista em Gramática e Texto da Língua Portuguesa pela UNINOVE. Membro dos Grupos de Pesquisas: Lerte (Pesquisa em Literatura, Religião e Teologia), A Questão de Deus, Grupo de Estudos do Protestantismo e Pentecostalismo e Sociedade Paul Tillich do Brasil. E-mail: professoralex.educacao@gmail.com

instituição eclesiástica são os homens. Por conseguinte, os autores de obras aqui chamadas de “oficiais” pela instituição assembleiana, também são todos homens corroborando a representação majoritária masculina na literatura institucional das ADs. Então, onde estão posicionadas as mulheres assembleianas do passado e da atualidade? Elas estão localizadas num *locus* social de invisibilidade e de apagamento histórico, às margens das esferas do poder institucional eclesiástico e igualmente às margens das literaturas denominadas de “oficiais”. Por quê? Certamente, porque a dominação masculina que forma a estrutura de uma sociedade ocidental, grosso modo, é patriarcal, misógina, racista, classista, por isso, as relações sociais de dominação também se fazem presentes na esfera religiosa.

Isto posto, pressupomos que sociedade e religião, estão de “mãos dadas”, no sentido de reproduzir em ambiente religioso, o que a estrutura da sociedade brasileira “naturaliza” como sendo normal, naturalizando a ocupação dos espaços de poder em espaços “exclusivos” dos homens. Em relação a construção social do gênero e de raça Colette Guillaumin contribui no debate teórico quando diz que “a naturalização oculta relações de dominação que na verdade forjam essa ideia de natural” (2016. p. 182). Portanto, podemos constatar que na sociedade como nas religiões existe um paralelo entre racismo e sexismo, os quais manifestam profundas desigualdades impactando as vidas de mulheres religiosas, especialmente de mulheres negras assembleianas, as quais estão impedidas de exercer as prerrogativas inerentes ao cargo ministerial de diaconisa, conforme o recorte proposto no presente ensaio.

Por isso, se torna urgente na atualidade o debate sobre a necessidade de enfrentamento e resistência contra o sexismo e o racismo nos espaços de poder de instituições religiosas. Resistir contra o machismo e o patriarcalismo em contexto religioso é abrir fissuras para que mulheres, sobretudo mulheres negras alcancem a equidade de gênero e de raça, e por conseguinte, o seu lugar de fala na religião de sua pertença. Djamila Ribeiro (2019a), contribui na discussão teórica sobre o assunto quando define que o lugar de fala é o lugar social onde mulheres negras ocupam na sociedade. Consequentemente, um dos espaços da sociedade ocupado pela população feminina, onde as mulheres são maioria, acontece justamente no espaço religioso, e no caso de igrejas evangélicas com recorte que propomos no contexto assembleiano, o cenário não é diferente. Deste modo, o *locus* social, como lugar de fala da mulher religiosa, sobretudo da mulher negra assembleiana, sofre o impacto quando ela perde a sua visibilidade nos espaços de poder da presente instituição religiosa. Isto posto, analisaremos que no final da década de 1920, surgiu a primeira diaconisa ordenada das ADs no Brasil, Emília Costa.

1. O apagamento histórico de Emília Costa nos livros oficiais das ADs

Emília Costa, era uma mulher negra que estava à frente do seu tempo, ela foi membra da Igreja AD em São Cristovão, bairro localizado no Rio de Janeiro. É desconhecida alguma literatura que apresente a sua biografia. Portanto, a sua genealogia está invisibilizada. As informações sobre sua infância e juventude estão apagadas na história. Como se deu a sua adesão à AD, igualmente não há relatos. O seu estado civil é outro dado sem registro. Mas, o que torna essa pessoa, o objeto de análise relevante para este ensaio, é o fato dela ser mulher, negra e a primeira pessoa a ser consagrada pelo fundador das ADs no Brasil, o missionário Gunnar Vingren¹, para o cargo de diaconisa (COSTA, 2019, p. 122).

Evidentemente, a atuação de Emília Costa nas atividades da igreja fluminense chamou a atenção de Vingren, sendo ele o pastor da igreja fluminense. Deste modo, aconteceu na segunda-feira do dia 06 de fevereiro de 1928, a sua separação para a função ministerial de diaconisa com a imposição de mãos do próprio Vingren (ARAUJO, 2015a, p. 79). Emília, além de exercer o diaconato era ativa na evangelização, já que trabalhava nos cultos realizados nas cadeias públicas da cidade carioca, juntamente com Frida, a esposa de Vingren. Assim, podemos verificar que as suas atividades eclesiais eram realizadas dentro do espaço religioso como diaconisa, como também no espaço público através dos trabalhos de evangelização.

Outro acontecimento importante ocorreu um ano após a ordenação de Emília Costa ao diaconato, foi a sua participação como aluna da 1ª Escola Bíblica nas ADs do Rio de Janeiro em São Cristovão, na então capital do País, entre os dias 05 e 11 de agosto de 1929 (ARAUJO, 2015b, p. 283). Emília aparece na foto oficial com mais cinco mulheres, sendo duas mulheres brancas, Zélia Brito e Frida Vingren, as outras três mulheres negras que aparecem na fotografia os seus nomes são desconhecidos. Conforme podemos observar na figura 1 a imagem apresenta 26 pessoas, sendo 17 homens, seis mulheres e três crianças. A imagem mostra que as mulheres são minoria. A sub-representação feminina também pode ser observada nos espaços de poder da igreja fluminense, pois na primeira fileira sentados estão sete pessoas, sendo cinco homens

¹ Além de Emília Costa, segundo Paulo Vieira Marques, a sua mãe, Élide Andrioli Vieira, por ser uma jovem comunicativa, destacada e dinâmica nas atividades da AD catarinense, foi separada a diaconisa por Gunnar Vingren em sua visita a Itajaí, em 1931. Vingren era totalmente favorável ao ministério feminino. Interessante é que essa separação se fez depois da Convenção Geral de 1930 onde, a contragosto, Vingren aceitou a resolução que limitava o acesso das mulheres ao ministério. Com a saída de Vingren da liderança da AD nacional, e a aplicação da resolução da CGADB de 1930, o ministério feminino ficou relegado ao esquecimento. Disponível em: <<https://mariosergiohistoria.blogspot.com/2012/12/elida-uma-diaconisa-na-ad-em-santa.html>>. Acesso em: 27 fev. 2023.

que ocupam cargos de liderança na diretoria da igreja assembleiana. A primeira pessoa sentada da esquerda para a direita é uma mulher negra cujo nome está invisibilizado pela historiografia “oficial” assembleiana, e a terceira pessoa sentada da esquerda para a direita é uma mulher branca, Frida Maria Strandberg, esposa de Gunnar Vingren, o pastor da igreja local.

Conforme podemos observar acima, a figura 1, explicita o que os estudos sobre interseccionalidade (CRENSHAW, 2002; AKOTIRENE, 2018; DAVIS, 2016; RIBEIRO, 2019b) constata em suas análises, que sexismo e racismo criam desigualdades de gênero e de raça/etnia. Bem assim, as ações e políticas de instituições eclesiais nas esferas de poder podem vir a gerar opressões que fluem ao longo dos eixos da subordinação, onde mulheres, especialmente mulheres negras sofrem o impacto dos dados ininterseccionais do desempoderamento. Assim, temos na representação da figura 1, um problema interseccional do sistema múltiplo de subordinação fomentando discriminação, já que Emília Costa e as outras três mulheres negras são mulheres racialmente subordinadas, isto é, vítimas da marginalidade interseccional. Marginalidade no sentido de estarem à margem da cúpula do poder institucional religioso, justamente porque não o acesso não lhes é permitido nas relações de dominação.

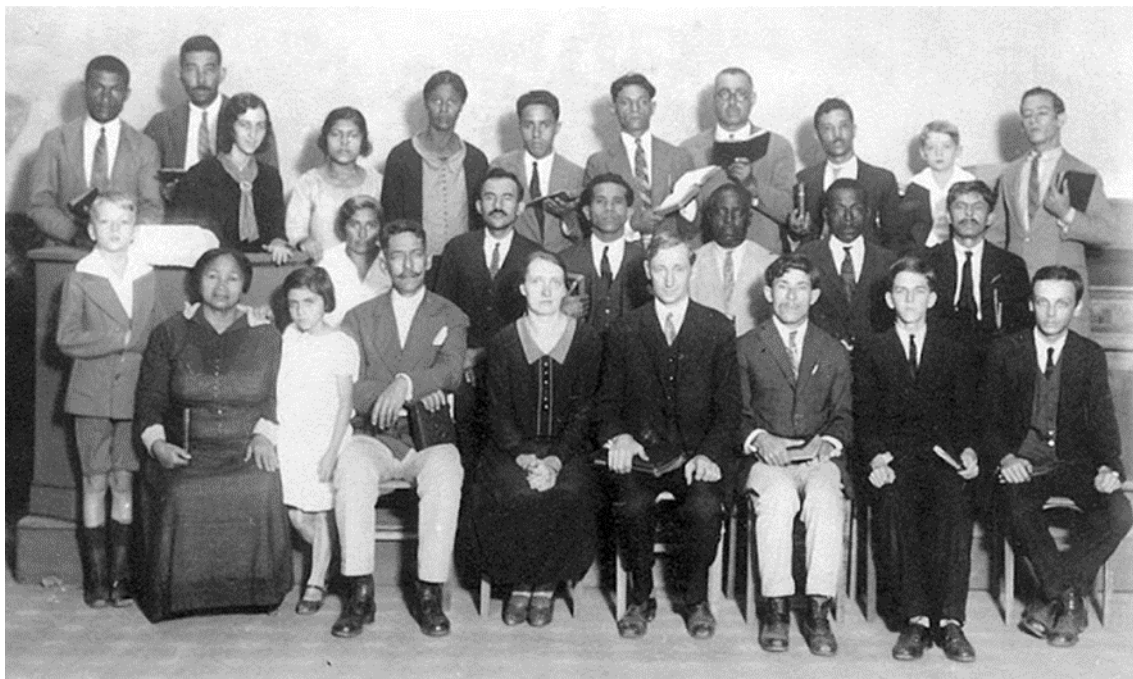


Figura 1. Foto da 1ª Escola Bíblica realizada pela AD de São Cristovão no Rio de Janeiro, em 1929. Emília Costa está em pé na última fileira, da esquerda para a direita ela é a quinta pessoa. (Fonte: <https://comunhao.com.br/dia-da-escola-bilica-dominical/fotoshistoriaed-1/>)

Mais um evento relevante foi a realização da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB) na então capital do País, entre os dias 9 e 16 de abril de 1933. Podemos

observar na figura 2, um total de 52 pessoas (uma criança, 10 mulheres e 41 homens) na foto registrada por ocasião da Convenção daquele ano. Emília Costa é a única mulher brasileira presente no registro fotográfico. Emília aparece sentada ao lado de outras nove mulheres brancas, as quais são missionárias suecas acompanhadas de seus respectivos esposos. Em visto, disso podemos deduzir que ela desfrutava de um relativo reconhecimento pelos seus serviços prestados na igreja fluminense para ter a permissão de estar presente na fotografia do evento convencional. Silas Daniel na obra intitulada - *História da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil: os principias líderes, debates e resoluções do órgão que moldou a face do movimento pentecostal brasileiro* -, escreve em poucas linhas que Vingren separou a primeira diaconisa das Assembleias de Deus no Brasil, Emília Costa, o que ocasionou certa polêmica entre os líderes assembleianos (2004, p. 34). Mas, na mesma obra os nomes mencionados conforme a figura 2 são apenas de homens e de mulheres brancas (DANIEL, 2004, pp. 65-82). Em razão disso, por que o autor não publicizou o nome de Emília Costa dando o devido crédito com a presença da única mulher negra e brasileira na foto oficial, onde os/as convencionais posam para o registro fotográfico, em frente ao templo da igreja hospedeira no então Distrito Federal (o Rio de Janeiro era a capital do Brasil naquele tempo)? A imagem de Emília está na fotografia como podemos ver acima, todavia na nota explicativa da fotografia o nome dela permanece impublicável, invisível, apagado, oculto.

Segundo Foucault (2004), a história tem nos mostrado que a invisibilidade mata, então poderíamos dizer segundo a teoria foucaultiana que a invisibilidade fomentada pelas relações sociais de dominação em contexto religioso teria “matado” o diaconato de Emília Costa? E, bem assim, a esperança de outras mulheres assembleianas que sequer foram ordenadas ao ministério? diante disso, a violência de gênero e de raça trouxe significativo impacto sobre o ministério diaconal de Emília. Impacto que oculta mulheres, que provoca estranhamento e tensiona as esferas do poder institucional. Tal impacto reverbera sobre a membresia assembleiana, pois segundo o Censo do IBGE (2010) milhões de brasileiros/as se declaram de pertença assembleiana, mas quantos/as assembleianos/as já ouviram falar de Emília Costa e de sua importância histórica para os ministérios femininos? Em síntese, a imagem da figura 2 explicita as desigualdades de gênero e de raça, através do poder eclesiástico representado pela dominação masculina branca, em contrapartida, se vê a sub-representação de mulheres, especialmente de mulheres negras nas esferas do poder institucional religioso.



Figura 2. Foto da quarta edição da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil realizada no Rio de Janeiro, em 1933. Emília Costa está sentada na segunda fileira, sendo a primeira pessoa da direita para a esquerda. (Fonte: DANIEL, 2004, p. 66-67).

As imagens das duas figuras apresentadas acima demonstram: por um lado, que o fato de Emília Costa ter sido a primeira mulher a ser consagrada ao ministério diaconal nas ADs se torna objeto de importância para análise da presença feminina nos espaços de poder das instituições religiosas; por outro lado, o fato dela ser negra ganha mais relevância, sobretudo porque a população afrodescendente no Brasil sofre os problemas oriundos do racismo estrutural, por esta razão, a sua inserção nas esferas do poder eclesiástico é dificultada pela dominação da branquitude. Então, por que a sua história ficou apagada e invisibilizada dos anais, dos períodos e das obras consideradas “oficiais”? Por que a maioria dos assembleianos e das assembleianas, se quer sabem de sua existência? Por que a Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD) sendo a editora oficial da CGADB não lançou um livro biográfico sobre ela? Por que Emília Costa e o seu ministério diaconal permanecem invisibilizados durante décadas? O que motivou o esquecimento histórico dessa mulher negra nos anais da história assembleiana? A quem interessa ocultar ao longo das gerações a ordenação de mulheres assembleianas para o exercício dos ministérios femininos? Essas perguntas são provocações que clamam por respostas. A seguir podemos constatar o apagamento histórico de

Emília Costa quando nos livros “oficiais” das ADs, a sua vida e obra, em algumas obras é pouquíssimo citado, e em outras obras nada é mencionado.

O jornalista Emílio Conde publicou em 1961 pela editora CPAD (2000, p. 207) a obra - *História das Assembleias de Deus no Brasil* -, dedicando apenas seis linhas sobre Emília Costa. Conde foi membro da mesma igreja de Emília, sendo seu contemporâneo. Ele afirmou que ela foi a única mulher que ocupou o cargo de diaconisa na igreja AD de São Cristovão. Em vista disso, o seu texto deve ser observado com atenção visto ser ele testemunha ocular e ter congregado na igreja em destaque até o ano de 1971 quando veio a falecer. Sobre a presente obra, Fajardo comenta que: “o livro foi responsável por consolidar a versão oficial da história da denominação com seu respectivo mito fundador” (2017, p. 38).

Em 1982, uma segunda versão da história assembleiana foi organizada pela CPAD, através de autoria do pastor Abraão de Almeida (1982, p. 211) sob o título de - *História das Assembleias de Deus no Brasil* -, reservando somente duas linhas para assinalar que Emília Costa foi a única mulher a ser separada para o cargo de diaconisa. A obra de Almeida segue o mesmo princípio do livro de Emílio Conde.

No ano de 1997, por ocasião do Congresso Mundial das Assembleias de Deus, realizado na capital paulista, foi lançado pela CPAD entre os dias 25 a 28 de setembro a obra - *As Assembleias de Deus no Brasil: sumário histórico ilustrado* -, Joanyr de Oliveira não dedicou nenhum registro textual e nem fotográfico sobre Emília Costa, visto ser um livro com abordagem histórica repleta de imagens como o próprio subtítulo diz. O apagamento histórico de Emília Costa fica explícito.

Isael de Araujo, entre os atores da CPAD, mencionou o nome de Emília Costa em três de suas obras. Primeiro, em 2007, por ocasião do lançamento do livro - *Dicionário do Movimento Pentecostal*. Depois, em 2011, no ano do centenário das ADs com a obra intitulada - *100 Mulheres que fizeram a história das Assembleias de Deus no Brasil*. E, em 2014 com o livro - *Frida Vingren: uma biografia da mulher de Deus, esposa de Gunnar Vingren, pioneiro das Assembleias de Deus no Brasil*. Em todas as três obras, Araujo não traz nenhuma novidade biográfica sobre Emília, apenas repete o que já foi dito sobre ela nas obras de Conde (1961) e Almeida (1982).

Isto posto, o apagamento histórico e a invisibilidade de Emília Costa, escancara o impacto das desigualdades de gênero e de raça em contexto religioso, mormente assembleiano, uma vez que os autores dos chamados livros “oficiais” das ADs, Emílio Conde, Abraão de Almeida, Joanyr de Oliveira, Isael de Araújo e Silas Daniel (conforme análise da figura 2), em suas respectivas obras não publicizaram o devido protagonismo que Emília Costa representava

no cenário nacional da igreja em São Cristovão, considerada uma das igrejas assembleianas mais importantes do País, por pelo menos duas razões: a) a igreja fluminense estava localizada justamente no então Distrito Federal; b) o líder da igreja que ordenou ao diaconato, Emília, foi o fundador das ADs no Brasil, Gunnar Vingren. A invisibilidade do ministério diaconal de Emília Costa nas literaturas “oficiais” é fruto das polêmicas entre os líderes assembleianos sobre os ministérios femininos.

2. Polêmica entre os líderes assembleianos sobre os ministérios femininos

A separação de Emília Costa criou certa polêmica entre os líderes assembleianos da Igreja em São Cristovão (DANIEL, 2004, p. 34). As tensões eram constantes entre Samuel Nyström e Gunnar Vingren, uma vez que o posicionamento de Nyström sobre o assunto foi o de não aceitação às mulheres ordenadas para o ministério. Por conseguinte, depois de Emília Costa, nenhuma mulher foi consagrada ao diaconato na AD de São Cristovão. Mario Sergio Santana contribui para o debate sobre a consagração de mulheres assembleianas para o ministério quando diz que:

Gunnar Vingren era totalmente favorável ao ministério feminino, e na igreja de São Cristovão já havia ordenado Emília Costa para o diaconato. [...]. Com a saída de Vingren da liderança da AD nacional, e a aplicação da resolução da CGADB de 1930, o ministério feminino ficou relegado ao esquecimento.²

O ministério feminino ficou no esquecimento, justamente porque a liderança das ADs no Brasil estava na responsabilidade de Samuel Nyström. Ele tinha a visibilidade do poder simbólico da autoridade literária, já que era o comentarista das *Lições Bíblicas* de Escola Dominical que circulava em todas as ADs no País, junto com as publicações do *Jornal Mensageiro da Paz* onde também era articulista, além de ser quem promoveu a primeira Escola Bíblica de Obreiros da AD em Belém do Pará e igualmente instituiu as Escolas Bíblicas da CGADB. Em vista disso, Nyström, foi quem mais presidiu a CGADB durante nove gestões (1933, 1934, 1936, 1938, 1939, 1941, 1943, 1946 e 1948), estabelecendo uma cultura de cancelamento e rejeição plena no que tange a ordenação de mulheres para os ministérios, seja para o diaconato como ao pastorado (COSTA, 2019).

² Publicado, em 2012, no Blog Memórias das Assembleias de Deus no Brasil. Disponível em: <<https://marioserghistoria.blogspot.com/2012/12/elida-uma-diaconisa-na-ad-em-santa.html>>. Acesso em: 19 set. 2022.

Assim, na obra publicada pela editora CPAD - *Despertamento apostólico no Brasil* - Samuel Nyström (1987, p. 86) quando menciona o trabalho evangelístico realizado pela AD fluminense em São Cristóvão, especialmente os cultos nas cadeias públicas, ele destaca o cargo das missionárias suecas, Ester Andersson e Erma Miller, mas quando cita Emília Costa que também trabalhava nesses cultos, diz apenas, “irmã” Emília. Ora, Emília não fora consagrada diaconisa? Então, por que Nyström não a chamou pelo cargo ministerial, como ele assim o fez quando citou o cargo das duas missionárias suecas? Seria Nyström racista pelo fato de Emília ser negra? O posicionamento dele sempre foi contrário em relação a ordenação de mulheres ao ministério (DANIEL, 2004). Vingren era favorável a ordenação de mulheres, mas ele foi substituído pelo missionário Nyström, que assumiu a igreja assembleiana em São Cristóvão em 14 de agosto de 1932 (NELSON, 2008, p. 45), tornando-se então o pastor de Emília Costa.

Se na primeira metade do século XX, Samuel Nyström foi um dos grandes opositores para a não aceitação de mulheres no ministério das ADs no Brasil, já em meados da segunda metade do mesmo século, e prosseguindo até a segunda década do século XXI, o assunto teve o seu desbordamento com o posicionamento do pastor Antônio Gilberto. Ele foi consultor doutrinário da CPAD, era articulista do jornal *Mensageiro da Paz* e comentarista das revistas para *Lições Bíblicas* para a classe de adultos da Escola Dominical, ou seja, Gilberto tinha um capital simbólico no contexto assembleiano que influenciava as decisões institucionais. Em entrevista ao período *A Voz do Deserto*, ele emitiu o seu parecer sobre a ordenação de mulheres ao ministério. As suas considerações retratam o perfil conservador do assembleianismo que rechaça categoricamente a presença feminina nas esferas do poder eclesiástico:

Não, não é outra vez não! Não existe! Ordenação... Mulheres no Santo Ministério, tanto venham. Inclusive muitas vezes elas fazem o trabalho melhor do que os homens. Mas ordenar para o Santo Ministério, não tem base nas Escrituras. E como é que isso está acontecendo? É a igreja a culpada e a igreja vai prestar conta disso. A igreja que eu digo não é a igreja o prédio, os responsáveis vão prestar conta disso. Jesus nunca ordenou mulheres. O apóstolo Paulo que é um paradigma, não separou, nunca ordenou mulheres. Agora, mulheres trabalhem no Santo Ministério, tanto venham. Cantoras, professoras de escola dominical e etc. Mas irmão Gilberto, e diaconisa? Lá no livro de Romanos o apóstolo Paulo disse que aquela irmã era diaconisa na igreja de Cenecria. Onde está isso no original? Não existe! Sim, mas o comentário que eu li diz que era diaconisa. Conversa! No grego está na forma masculina, ou seja, Paulo deixou aquela mulher ali provisoriamente, ou então o trabalho era novinho e não tinha homem nenhum para exercer o diaconato, ele disse vem cá “fulana” (Febe), faz o trabalho aqui, a obra de Deus não pode parar por causa de problema humano. Está no masculino. Uma vez um pastor presidente de uma grande e renomada convenção, nós estávamos juntos em Goiânia ministrando, e ele no hotel conversando comigo, disse: “estou agora na presidência, vou incentivar, irmão Gilberto, o diaconato das mulheres que

está praticamente parado. O que o irmão diz?” – Eu prefiro primeiro que o senhor que é o chefe, me dê alguma coisa. Ele disse: “eu me baseio lá em Rm 16, Febe, aquela irmã que era um tesouro na igreja de Cencreia (inclusive quando os irmãos forem a Grécia visitem as ruínas de Cencreia. Eu fui lá visitar, só tem ruínas, e eu fiquei pensando onde é que ficaria aqui a casa dela, porque tudo indica que era uma mulher de muito dinheiro. Paulo disse: “ela me hospedou muitas vezes, e hospedou a muitos”), que era diaconisa, a Bíblia em português diz: que serve ao Senhor na igreja de Cencreia, outra versão que eu tenho diz que ela servia como diaconisa”. Eu me calei, e ele disse: “uma segunda passagem, irmão Gilberto, que eu tenho em mente é lá em Timóteo quando a Bíblia diz: e as mulheres...”. Eu disse: Pastor, a passagem de Romanos no original está no masculino, pode pegar qualquer manuscrito bíblico. Ou seja, ou o trabalho era novinho e não tinha homens habilitados, e o apóstolo Paulo um homem cheio do Espírito Santo, a obra de Deus não ia parar por causa de problema humano. Vem cá, Febe, exerce aqui enquanto não se prepara um homem, ou então não sei a razão, a Bíblia não explica, mas está no masculino. “E lá em Timóteo?” Pode pegar o termo original que a oração no grego pára, e quando diz as mulheres, são as esposas dos obreiros. Ele parou, e parou até hoje. Voltando a pergunta, o que o irmão diz disso? É anti-bíblico. E o que fazer? Quem estiver fazendo vai prestar conta a Deus. Mas infelizmente não é só ordenação de mulheres, é muita coisa que a igreja decide por ela. Eu podia fazer menção aqui, não vou, não há necessidade. Para ninguém pensar que é só esse fato: São várias coisas que a igreja faz sem ter... Por exemplo, há igrejas que só separam (consagram) obreiros para o diaconato se forem casados, não estou criticando a igreja local, há igreja que só separa (consagra) casados, porque o escândalo está sendo grande de obreiros solteiros. Enfim, a igreja que tomou a decisão, não é a Bíblia. Batismo em águas: tem igreja que a pessoa se entregou pra Jesus, foi perdoada ali mesmo, foi convertida, batiza na água. Tem igreja que diz: “Não, aqui pra ser batizado tem que fazer um cursinho”. Lá na minha igreja, por exemplo, tem um cursinho de três meses, onde está isso na Bíblia? Lugar nenhum. É a igreja que decide! Realização de matrimônio, esse caso é mais um, só que este é grave. Então, em resumo, não tem base na Escritura, nem no Antigo, nem no Novo Testamento. Deus quer a mulher no ministério, quanto mais, melhor, para muita tarefa. Mas ordenação para cuidar do rebanho Deus reservou para o homem. De modo que esse negócio está dando problema. E os que estão na Assembleia de Deus? Vão prestar conta a Deus! Vamos brigar com eles? Deixa pra lá, vão prestar conta a Deus! Esse é que é o problema, a Bíblia diz cada um de nós. Eu vou dar conta e os irmãos vão dar conta também. Se o Tribunal de Cristo fosse coletivo..., mas a Bíblia diz cada um. Então nós temos que pensar nisso.³

Mas, para além da CGADB, existe um outro ramo das ADs no Brasil que é representado juridicamente pela Convenção Nacional das Assembleias de Deus do Ministério de Madureira (CONAMAD)⁴. O Jornal *O Semeador* é o órgão oficial da CONAMAD que publicou em seu suplemento especial de junho de 2001 a seguinte decisão convencional ocorrida na 36ª Assembleia Geral Ordinária: “A instituição do cargo de COOPERADORA - fica instituído o

³ Publicada a entrevista em 28 de agosto de 2012 no site *A Voz no Deserto*. Disponível em: <https://avoznodeserto.wordpress.com/tag/pastor-antonio-gilberto/>. Acesso em: 17 fev. 2023.

⁴ Site oficial da CONAMAD.

referido cargo, com as mesmas prerrogativas do cargo de cooperador já existente na Igreja”⁵. O cargo de cooperadora é o primeiro passo da hierarquia assembleiana para ascender em seguida ao cargo do ministério diaconal. Assim, a CONAMAD, abriu uma legalidade em seu estatuto e regimento interno com vistas ao caráter ministerial às mulheres assembleianas filiadas ao Ministério de Madureira para que elas fossem legitimamente reconhecidas como cooperadoras *a priori*, para *a posteriori* serem ordenadas como diaconisas.

Considerações finais

As mulheres tiveram um papel relevante nos trabalhos de evangelização no primeiro século da presente era, levando em consideração que Jesus recebeu em seu ministério a ajuda de Maria, Joana, Suzana, entre muitas outras mulheres, as quais durante as suas atividades evangelísticas, sustentava-o com seus bens (Lucas 8:1-3). Outras mulheres que trabalharam nas igrejas cristãs servindo os apóstolos foram Febe, Priscila, Maria (Romanos 16:1-6 e Atos 18:26), Trifena, Trifosa e Pérside (Romanos 16:12). Por isso, é compreensível a importância do trabalho feminino no ministério.

Ademais, à exceção do registro das Escrituras conforme mencionamos, a contribuição de Duncan Reily (1997) é relevante e significativa para os estudos e análises sobre resgate histórico da equidade de gênero e raça/etnia, no âmbito das ordenações ministeriais de instituições de igrejas cristãs, porquanto a sua obra *-Ministérios femininos em perspectiva histórica* - promove a visibilidade de mulheres diaconisas ao longo da história eclesiástica nos períodos que antecedem e durante a Idade Média, como também na Idade Moderna, quando menciona vários casos de mulheres que exerceram o diaconato, como por exemplo: as diaconisas anônimas em Bitínia, Etéria no Oriente Médio, Martana em Jerusalém, as quarenta diaconisas em Constantinopla, as diaconisas na pauta do Concílio de Niceia em 325 d.C., o impacto de Elizabeth Fry sobre Theodor Fliedner, Florence Nightingale, as diaconisas metodistas, as diaconisas luteranas, entre outras.

Enfim, na atualidade urge que as ADs, através de suas lideranças e órgãos institucionais repensem sobre a importância de reconhecer o ministério exercido por mulheres. Os erros do passado se não corrigidos, como foi o caso do apagamento histórico sofrido por Emília Costa, além da não aceitação de ordenação de mulheres ao ministério diaconal, pode configurar na contemporaneidade a perpetuação das desigualdades de gênero enfrentadas por todas as

⁵ Publicação do Jornal *O Semeador*, edição de junho de 2001.

mulheres assembleianas que tem os seus ministérios censurados. As Escrituras dizem que Deus não faz acepção de pessoas,⁶ contudo, os homens em sua maioria são injustos como fomentadores de desigualdades de gênero e raça, em contexto religioso.

Referências

- AKOTIRENE, Carla. *O que é interseccionalidade?* Belo Horizonte: Justificando, 2018.
- ALENCAR, Gedeon Freire de. *Matriz pentecostal brasileira: Assembleias de Deus – 1911 a 2011*. São Paulo: Editora Recriar, 2019.
- ALMEIDA, Abraão de. *História das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 1982.
- ARAUJO, Isael de. *Frida Vingren: uma biografia da mulher de Deus, esposa de Gunnar Vingren, pioneiro das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.
- _____. *Cem mulheres que fizeram a história das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2015a.
- _____. *Dicionário do movimento pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2015b.
- BÍBLIA. Bíblia de Estudo Palavras-Chave Hebraico e Grego. Tradução de João Ferreira de Almeida. Almeida Revista e Corrigida. 4^a ed., Rio de Janeiro: CPAD/Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.
- CONDE, Emílio. *História das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.
- CORREA, Marina. *Assembleia de Deus: ministérios, carisma e exercício de poder*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.
- COSTA, Moab César Carvalho. *O aggiornamento do pentecostalismo brasileiro: as Assembleias de Deus e o processo de acomodação à sociedade de consumidores*. São Paulo: Editora Recriar, 2019.
- CRENSHAW, Kimberlé Williams. Documento para o encontro com especialistas em aspectos da discriminação racial relativo ao gênero. *Estudos Feministas*. Florianópolis, v.10, n.1, pp. 171-188, 2002.
- DANIEL, Silas. *História da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil: os princípios líderes, debates e resoluções do órgão que moldou a face do movimento pentecostal brasileiro*. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.
- DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boi tempo, 2016.
- FAJARDO. Maxwell. *“Onde a luta se travar”*: uma história das Assembleias de Deus. Curitiba: Editora Prisma, 2017.

⁶ BÍBLIA, Epístola de S. Paulo aos Romanos 2:11.

FOUCAULT, Michael. Os intelectuais e o poder. In: *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004.

GUILLAUMIN, Colette. *Sex, race et pratique du pouvoir*. Paris: iXe, 2016, pp. 181-183.

NELSON, Samuel. *Samuel Nyström: pioneiro do ensino pentecostal em escolas bíblicas*. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

NYSTRÖM, Samuel. A obra de Deus no Rio de Janeiro. In: VINGREN, Ivar (Tradutor). *Despertamento apostólico no Brasil: resumo da missão pentecostal sueca no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 1987, pp. 79-88.

OLIVEIRA, Joanyr de. *As Assembleias de Deus no Brasil: sumário histórico ilustrado*. Rio de Janeiro: CPAD, 1997.

OLIVEIRA, Marco Davi de. *A religião mais negra do Brasil: por que os negros fazem opção pelo pentecostalismo?* Viçosa/MG: Ultimato, 2015.

REILY, Duncan A. *Ministérios femininos em perspectiva histórica*. Campinas: CEBEP; São Bernardo do Campo: EDITEO, 1997.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. São Paulo: Pólen, 2019a.

_____. *Pequeno manual antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019b.

SANTANA, Mario Sérgio. *Élida: uma diaconisa na AD em Santa Catarina*. Élida - uma diaconisa na AD em Santa Catarina. Disponível em: <<https://mariosergiohistoria.blogspot.com/2012/12/elida-uma-diaconisa-na-ad-em-santa.html>>. Acesso em: 18 mar 2023.

VINGREN, Ivar. *Gunnar Vingren: o diário do pioneiro*. Rio de Janeiro: CPAD, 1993.

Recebido em: 09/02/2024
Aprovado em: 30/03/2024